



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## ***A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA E VIVA O POVO BRASILEIRO: DA ANCESTRALIDADE À REPRESENTAÇÃO DOS EGUNGUNS***

Rosângela Santos Silva(UDFS)

**Resumo:** O presente trabalho versa em torno dos romances: *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água* (1959) e *Viva o povo brasileiro* (1984) dos autores baianos Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro respectivamente. A premissa básica na qual se fundamenta o estudo feito consiste em expandir os horizontes em torno das religiões afrobrasileiras, como protagonistas de uma história de vida com direitos/deveres, com igualdade, bem como, perpetuar a busca da construção de um panorama literário que valorize os adeptos dos Candomblés como seres sociais. Durante muitos anos tentaram, principalmente com repressões, abolir aos africanos, o direito de evocação à sua fé religiosa. Apesar de tudo, resistiram preservando-a em seus rituais, aderindo assim uma legião de adeptos hoje considerados filhos e filhas de santo. A despeito das inúmeras injustiças sofridas pelos adeptos das religiões de matriz africana, depreende-se dos textos em análise, uma série de características marcadoras do legado religioso africano, sobretudo do ritual egungun. Mediante conjunto simbólico que é transmitido de forma repetitiva, tal grupo, encontra no passado forças e influências relevantes para conduzir o presente. As narrativas em estudo descrevem o ritual egungun, declarando a importância de se manterem vivas tais raízes e de se valorizar ações que continuam sendo desenvolvidas pelos afrodescendentes. Ao criar narrativas que apontam traços que podem ser associados a reflexos da realidade, tais escritores chamam atenção para a religiosidade do afrodescendente presente e atuante na contemporaneidade. O objetivo central desse trabalho é analisar as obras já citadas fazendo uma possível leitura comparativa dos elementos constitutivos do Candomblé na Bahia, priorizando o ritual egungun a fim de evidenciar similaridades e/ou disparidades existentes nas narrativas. Para tanto serão acionados alguns postulados teóricos como: Mircea Eliade, Juana Elbein dos Santos, dentre outros.

Palavras-chave: Jorge Amado. João Ubaldo Ribeiro. Egunguns.

Os negros iorubanos, escravizados no período da colonização, trouxeram para o Brasil o culto ritualístico chamado egunguns e, como tradição religiosa, veneram seus ancestrais considerando que a morte não é o ponto final da vida. Celebram suas práticas ritualísticas destinadas a personalidades que, em vida, alcançaram destaque, sobretudo, por ter exercido alta função social ou religiosa.

O objetivo principal do culto é de continuarem presentes ao lado de seus descendentes e de maneira privilegiada conservando na morte, sua individualidade. Os egunguns são preparados para ajudar a quem os recorre, impõem ensinamentos morais e

regras de comportamento orientando para melhor compreensão de um mundo que lhe é desconhecido.

Tanto Jorge Amado em *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'água* quanto João Ubaldo Ribeiro em *Viva o povo brasileiro* fazem alusão ao culto aos mortos dedicando parte considerável de suas obras a descrever tais práticas. Em ambos os romances são descritas divindades e espíritos ancestrais, apontando a influência e importância dos mesmos na formação da identidade do grupo, que mantém suas raízes religiosas alicerçadas nos antepassados.

Nesse sentido, pode-se inferir que ambos os autores buscaram na literatura uma maneira de romper com os muros da ignorância social que ainda ocultam a verdadeira identidade religiosa dos adeptos das religiões de matriz africana. Ao criar narrativas que apontam traços que podem ser associados a reflexos da realidade, tais escritores chamam atenção para a religiosidade do afrodescendente presente e atuante na contemporaneidade.

Os espaços ficcionais onde se processam os romances fazem menção a espaços reais que é a cidade de Salvador e a Ilha de Itaparica (BA). Sabe-se que a formulação textual é uma criação fictícia em que o narrador se desliga temporariamente do mundo concreto para a assimilação de uma realidade imaginária, assim, a instância da realidade imaginária é que determina uma verossimilhança com a realidade concreta. Seguindo essa linha de pensamento entende-se que a função da literatura dos autores em estudo, ao transcrever tais fatos, é de colocar em evidência algo essencial que é o respeito e valorização pelas religiões de matriz africana e suas práticas rituais que ainda sofrem preconceito e discriminação.

Em *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'água*, se transcreve uma prática religiosa desenvolvida pelos afrodescendentes herdada da ancestralidade. Quincas, acometido de uma morte inesperada, passa por um complexo processo de rompimento com os laços terrenos. De acordo com o texto, no dia da morte de Quincas, ele havia prometido ervas poderosíssimas e difíceis de serem encontradas, pois deveriam ser utilizadas na sagrada festa de Xangô<sup>1</sup>. Quincas simplesmente morre antes de recolher as folhas sagradas. É importante salientar que, apesar da aparência de um velório com

---

<sup>1</sup> Divindade maior do reino de *Oyó* (Nigéria), rei absoluto, forte, imbatível. Saudado como “Kaô Kabiecilé”! Que significa “venha ver o rei”, seu prazer é o poder. Seu dia é quarta-feira e suas contas são de cor vermelha.

pretensões católicas, Quincas se fazia indiferente à reza. Estavam reunidos os melhores amigos do morto: Negro Pastinha, Pé-de-Vento, Cabo Martim e Curió. Então, Negro Pastinha, sente a necessidade de fazer algo ao perceber a incoerência do velório, já que a tentativa de cerimonial fúnebre organizada pelos adeptos do terreiro foi interrompida por Vanda (filha de Quincas). Talvez cantar um ponto de Candomblé?. Alguma coisa devia fazer. Então, nesse momento, Pé-de-Vento,

toma delicadamente uma jia, coloca-a nas mãos cruzadas de Quincas. O animal salta, e esconde-se no fundo do caixão. Quando a luz oscilante das velas batia no seu corpo, fulgurações verdes percorriam o cadáver. (AMADO, p. 24, 1998).

Observa-se que existe uma forte ligação entre Quincas e a jia. Colocada delicadamente em suas mãos, salta em reação de proximidade e reconhecimento com o falecido a ponto de resplandecer fulgurações antes, ofuscada pela ausência do animal. Levando a cabo a proximidade existente entre a jia e Quincas, pode-se inferir que ambos se complementam, no momento ápice do encontro uma manifestação do sagrado acontece, ou seja, algo de sagrado nos é revelado.

A respeito dessa manifestação do sagrado, João Ubaldo Ribeiro, em *Viva o povo brasileiro*, descreve um episódio interessante, que mostra a presença dos egunguns nos rituais. Na constituição da cena, os egunguns surgem no recinto causando um impacto visual, assim como ocorrido no velório de Quincas, pois os presentes ficam envolvidos pelo episódio projetado em torno da surpresa. Assim, “Os negros iniciaram uma roda no extremo do terreiro[...] e lá vem aquela onda catassol de panos coloridos, tamanqueando no ritmo metralhado pelas baquetas nos costados de madeira dos tambores”. (RIBEIRO, 2009, p.171).

As ilustrações expostas na citação nos remetem ao egungun no clímax do rito. Após as obrigações preparatórias, o egungun aparece todo iluminado em uma projeção de luzes cambiantes dançando ao som dos atabaques no meio do terreiro. Os eguns saem da camarinha em uma roupa inflada tanto do espírito quanto do orgulho envaidecido por ocupar aquela posição.

Toda e qualquer religião se ancora em suas próprias ideias sobre o conceito do sagrado e do profano. O sagrado, ao se manifestar, mostra-se absolutamente diferente do profano. Mircea Eliade, em seu livro *O sagrado e o profano* (1992), propõe o termo hierofania como base para explicar a manifestação do sagrado.

Assim, para o autor,

a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado em um objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte do nosso mundo “natural”, “profano”. (ELIADE, 1992, p. 13).

Analisando a citação, conclui-se que o sagrado se manifesta de inúmeras formas, muitas das quais, para alguns seres humanos, seja de difícil aceitação. A manifestação do sagrado em qualquer objeto reflete algo misterioso e incomum. É importante ressaltar que, qualquer símbolo que seja, ao manifestar o sagrado, não são reverenciados porque são objetos, mas porque são hierofanias, revelam o sobrenatural. Ao adentrar no mundo sagrado uma transformação se processa instaurando o poder do invisível e é ao invisível que a linguagem religiosa se refere.

Nos textos em estudo, são descritos momentos célebres de manifestação do sagrado. Em *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'água*, o ambiente em que é velado o morto, simples quarto desprovido de luxo e religiosidade é visto como espaço que se transfigura e os símbolos: corpo, jia e caixão se transformam em realidade invisível. Tais elementos tornam-se sagrados, aderindo uma energia sobrenatural, não por representarem corpo, jia e caixão, mas porque nesse contexto são hierofanias, revelando o sagrado.

Analisando os símbolos descritos, observa-se que o corpo físico, desprovido de vitalidade já não emana energia, visto como uma terra seca. As características de Quincas se aproximam das qualidades dos filhos de santo da entidade Exu, orixá cultuado na Bahia. Nesse sentido, é possível concluir que a procura desesperada de Quincas pelas folhas sagradas para a festa de Xangô pode estar associada a seu comprometimento como adepto do Candomblé.

Nessa perspectiva, entende-se que a jia, animal que se encontra mais facilmente nos rios, pode ser considerada como representação de uma gota de água, pois, segundo antropóloga Juana Elbein dos Santos: “A água e a terra são elementos que veiculam o axé[...] Não a água-sêmen, a água-chuva, mas a água dos mares, dos rios, dos lagos, dos mananciais, água “sangue branco” da Terra”. (SANTOS, 2002, p.79).

Corroborando com a citação de Juana Elbein, pode-se inferir que tanto água quanto terra, no pensamento afrobrasiliro, são considerados elementos que podem gerar um novo ciclo de vida. Assim, “colocar água sobre a terra significa não só fecundá-la, mas também, restituir-lhe seu ‘sangue branco’ com o qual ela ‘alimenta’ e propicia tudo o que nasce e cresce” (SANTOS, 2002, p.80).

O caixão, objeto simples, a princípio nada tem de sagrado, porém quando a jia é colocada nas mãos do defunto, ela corre e se esconde no fundo do caixão como se o mesmo se transformasse em um grande rio. Por fim, a junção entre corpo, jia e caixão faz alusão aos elementos água e terra, ou seja, a terra úmida é uma simbologia que transformada em hierofania faz emergir o egun de Quincas. Entende-se que, como entidade recomeça a vida, uma vida agora espiritual. Por se tratar de um personagem que faz alusão a um ser humano, ao morrer transforma-se em egun/egungun espíritos de pessoas falecidas.

Da mesma forma acontece em *Viva o povo brasileiro*, a simbologia transformada em hierofania apresentada por João Ubaldo é recoberta de panos coloridos delineando um mistério que cobre o egungun da cabeça aos pés, não restando nenhum vestígio do que se encontra em baixo da roupa. Aos olhos sensíveis, é possível perceber formas humanas através dos movimentos performativos, considerada pelo pesquisador Fábio Velame como:

Enorme cortina de panos coloridos, uma arquitetura de panos em movimento um abrigo dos espíritos dos mortos ilustres da comunidade (...) uma casa feita de panos, sem portas, janelas, paredes ou telhados, uma casa onde só os mortos têm direito de habitar. (VELAME, 2008, p.02).

Portanto, Os romances analisados tomam intencionalmente como referencial religioso as entidades nagôs afim de demonstrar o poder do sobrenatural se reportando a ancestralidade africana e seus descendentes. Os autores fazem um convite à entrada em um mundo de riquezas religiosas em que o sagrado se manifesta de maneira peculiar.

A disseminação cultural apresentada, sugere uma leitura que não se limita, ao contrário expande-se, colaborando para construção de conhecimentos que podem auxiliar na formação de uma sociedade mais crítica e esclarecida. Para os leitores, um dos pontos fortes dessas narrativas é o fato de apresentarem um tema pouco explorado e que é alvo, ainda de preconceito e discriminação: O culto ritualístico egungun. De forma bastante evidente, os princípios que regem a vida dos adeptos dos Candomblés apresentam uma perspectiva harmoniosa e crédula sobre o grande valor religioso e

moral historicamente associados às lutas pela sobrevivência do culto e a resistência do grupo.

Em fim, o eixo temático identitário aproxima os romances de João Ubaldo e Jorge Amado. Apesar de escritos décadas um após o outro, ambos discorrem sobre a herança cultural africana na Bahia e suas múltiplas contribuições na formação das religiões afrobrasileiras. Além das inúmeras temáticas que podem ser abordadas, descrevem também as relações entre adeptos e divindades, força geradora de união e mutualidade.

Assim, é preciso dizer que, após mais de trezentos anos de escravidão e opressão, os adeptos do Candomblé se mantiveram firmes em uma religião que não muda com o tempo, privilegiando os ritos e valorizando o segredo iniciático. Muitos foram os obstáculos enfrentados, perseguição policial, intolerância e preconceito, mas “a sociedade brasileira não conseguiu *desafricanizar* o negro, no referente às suas crenças religiosas”. (CARNEIRO, 1986, p.35).

Os cultos ritualísticos *egwugwus* continuam sendo expressão fundamental na construção e preservação da memória familiar ancestral por meio dos trabalhos, cultos, celebrações, mínimos detalhes de obrigações cerimoniais, etc. Uma vastidão de valores internalizados. Portanto, pode-se afirmar que as religiões de matriz africana representam sem dúvidas uma fonte inesgotável de valores com os quais se constroem vertentes importantes na formação da identidade, pois “são o resultado de sua própria formação relativamente autônoma” (HALL, 2006, p.36).

Logo, as religiões afrobrasileiras são responsáveis pela preservação, reelaboração e reinterpretação da tradição africana no Brasil. Por isso, se apresentam com papel fundamental na afirmação e (re) afirmação das identidades do afrodescendente, mantendo assim vivas as raízes que lhes deram origem.

### **Referências:**

- AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro Dágua**: Romance. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro. Editora Civilização brasileira, 1986.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Editora Ltda. Lisboa – 1992.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. 5ª edição, Rio de Janeiro, Objetiva – 2009.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagôs e a Morte: Pàde, àsèsè e o culto Égun na Bahia**. 3ed, Vozes, Petrópolis – 2002.

VELAME, Fábio M. *O Opá Ancestral: Uma Arquitetura de Panos*. Em: II Seminário Arte e Cidade: Cultura, Memória e Contemporaneidade. Salvador: EDUFBA, 2008.